

Martim de Gouveia
e Sousa

O essencial sobre
ANTÓNIO DE NAVARRO

Martim de Gouveia
e Sousa

O essencial sobre
ANTÓNIO DE NAVARRO

Amo para que me sejam o essencial
os pensamentos onde vou.

Águia Doida.

António de Navarro — de seu nome completo António de Albuquerque Labatt Sotto-Mayor Pereira Navarro de Andrade — nasceu em 9 de Novembro de 1902, no solar materno de Vilar Seco («Bom era o buxo, / D'antigamente, nos jardins do solar onde nasci.»), perto de Nelas, no distrito de Viseu, quando, segundo o escritor, dava meio-dia (o assento de baptismo precisa: «uma hora da tarde») e retinha para a missa. Foi neto paterno de Joaquim Navarro Pereira de Andrade, natural do Fundão, e de D. Maria Josefina Marques de Paiva Navarro, natural da Covilhã, e neto materno de António de Albuquerque e Brito da Silveira Labatt e de D. Maria Delfina Godinho de Sampaio e Mello, filho legítimo do Dr. Francisco Navarro Marques de Paiva, natural da Covilhã, e de D. Maria Beatriz de Albuquerque Forjaz

de Lacerda Sotto-Mayor, natural da freguesia de Vilar Seco.

Veio a ser baptizado, conforme o assento n.º 7 de 1903 do respectivo livro paroquial, no dia 25 de Março desse ano, tendo sido padrinhos o conselheiro Doutor José da Cunha Navarro de Paiva, juiz do Supremo Conselho de Justiça Militar, e a avó, D. Maria Josephina Marques de Paiva Navarro, ambos residentes em Lisboa, estando presentes, por procuração do primeiro, Álvaro de Albuquerque de Sampaio Mello e Faro, e representando o segundo a senhora D. Maria Guilhermina Navarro de Paiva, ambos habitando na freguesia de Vilar Seco.

Navarro, ultrapassados os estudos primários na sua circunstância, fez estudos liceais em Viseu, havendo memórias dessa passagem inscritas na documentação epocal da instituição: por exemplo, do exame de admissão à segunda classe, efectuado em 1914, com a classificação final de 11 valores e uns indiciosos 13 e 17 valores em «Ditado em português» e na prova oral de Português, bem como bons conseguintes, nos anos posteriores, em Latim, Geografia e História ou Inglês, destacando-se ainda, pela negativa, alguma inaptidão nas disciplinas de ciên-

cias, nomeadamente em «Ciências físicas e naturais». Permaneceu estudante do Liceu de Viseu até 1918-1919, indicando o registo n.º 31 um conjunto substancial de faltas injustificadas e a aposição, nas «Observações», de ter sido transferido para Castelo Branco.

Em Coimbra, onde, segundo Álvaro Manuel Machado, concluiu os estudos liceais, veio a cursar Direito, durante quatro anos, lá se iniciando nas lides literárias. Licenciou-se, mais tarde, em Ciências Ultramarinas, já em Lisboa, na Escola Superior Colonial, que originou, em 1954, o Instituto Superior de Estudos Ultramarinos, que veio a integrar-se, em 1961, na Universidade Técnica de Lisboa, sob a denominação de Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, sendo hoje o Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP).

Em Coimbra ainda, por meados da década de 20, manifestou desde logo a tal adesão ao «receituário futurista» de que fala Fernando Guerreiro e que tão evidente é também na primeira *Presença*, onde passa mesmo, pela atomização verbal e pela condensação métrica, um halo expressionista.

Começou a publicar, pelo menos de forma visível, na revista *Contemporânea*, por 1926, tornando-se, a partir de 1927, um dos principais colaboradores da revista *Presença*.

Sem obra ainda publicada individualmente, facto que era pouco menos do que espantoso (sabe-se, no entanto, que procurou publicar por volta de 1929, com a chancela da *Presença*, conforme carta de José Régio a Gaspar Simões, de Vila do Conde, 21 de Setembro de 1929: «Diz-me ainda o Navarro que tenciona publicar agora um livro de versos. Pede-me um prefácio e a marca das edições *Presença* para o seu livro. É claro que lhe vou dizer que sim.»), contraiu matrimónio, no dia 13 de Junho de 1939, com a senhora D. Maria Eufémia Reis Ferreira. Tragicamente, Navarro enviúva, por falecimento da mulher, no dia 24 de Maio de 1940, na freguesia de S. Sebastião da Pedreira, de Lisboa.

O primeiro livro publicado, *Poemas de África*, vem a lume em 1941, com prefácio de João Gaspar Simões e uma lancinante e sentida dedicatória à memória da esposa recentemente falecida, continuando o autor a publicar até ao ano de 1980, se bem que sob o signo da descontinuidade.

Voltou a contrair casamento, no dia 6 de Agosto de 1958, com a senhora Engenheira Maria Amélia Gracinda Rodrigues, desenrolando-se a cerimónia na Igreja de Santa Isabel, em Lisboa. Este casamento veio a ser dissolvido, por óbito da mulher, falecida no dia 5 de Fevereiro de 1980, lembrando eu neste passo que, segundo informa António Manuel Couto Viana (1994), a senhora D. Maria Amélia sempre pusera muito empenho na decifração e na conservação da obra do marido, mal sonhando que morreria antes do poeta e o deixava desvalido.

António de Navarro pouco mais resiste, abandonando a tona viva do mundo, no dia 20 de Maio de 1980, declarando-se o óbito na freguesia de Santo Condestável, em Lisboa, desaparecendo assim, como o diz Gaspar Simões, o poeta que no movimento lírico presencista «detinha os fios de um revolucionarismo poético tanto ou mais revolucionário que os fios que estreteciam a trama poética dos poetas revolucionários ‘órficos’».

Olhando o trajecto, seminalmente inscrito, diga-se que bastaria o facto de António de Navarro ter sido um dos mais produtivos escritores da *Presença* para que se adiantasse uma mais funda escavação, que

à frente segue, irradiando em rosácea. Acresce ainda que entre Navarro e Régio, não obstante uma «vida vivida» com encontros e desencontros, sobreviveu sempre, de forma recíproca, uma ternura que ninguém denega — como esquecer, por exemplo, a preocupação de Régio com as provas da poesia «do Navarro» (carta a João Gaspar Simões de Vila do Conde, 16 de Agosto de 1929) ou a intervenção de Régio junto de Eugénio Lisboa para que o nome de Navarro aparecesse numa listagem de poetas presencistas, sem a obnubilação de um aberto etc., na obra-biografia *José Régio*, inserida na colecção «Poetas de Ontem e de Hoje», dirigida por Gaspar Simões e publicada pela portuense Livraria Tavares Martins, em 1957.

*

Descendente de antigas e nobres vergôntes, e nem menos orgulhoso disso, há em António de Navarro, esse «moço-fidalgo beirão» (Gaspar Simões), um «complexo da transmissão» que se cumpre pela evasão no espaço e no tempo, bem como pela submissão ao dever da migração e da partida.

Como os camaradas da *Presença*, iniciou a acção cultural e literária pelo fim do primeiro quartel do século xx, destacando-se mesmo da sua tribo pela capacidade de colher a novidade do momento. Ainda em 1922, encontramos o poeta subscrevendo em 11 de Julho, com o nome completo António de Albuquerque Labatt de Sotto-Mayor Pereira Navarro de Andrade, uma mensagem ao Dr. António de Sousa Sardinha, «digníssimo director da revista *Nação Portuguesa*», que expressava a anuência de um conjunto de jovens estudantes coimbrãos aos ideais do Integralismo Lusitano. Pouco depois, por 1925, e sob o pseudónimo Príncipe de Judá, ficariam célebres as actuações desalinhas, seja assinando manifestos de um futurismo em dessoramento, seja como conferente sensacional — a conferência «Sol» provocou uma algazarra enorme no Teatro de Sousa Bastos, em Coimbra, e o poeta foi literalmente pateado. Deste período, é inesquecível o texto assacável a António de Navarro dentro de um *manifesto* coimbrão onde se encontra já uma espécie de «linguagem sms». Nele colaboraram também Mário Coutinho, Abel Almada, Celestino Gomes, desejando o nosso poeta olhar «kom *toda-a-força* kom os

nossos olhos e sentir kom a nossa alma». Pelo caminho ficaria ainda a ideia da publicação de uma revista de «arte moderna» intitulada *Sol*. O Poeta reconhecerá, em 1930, que o seu texto, «um *manifesto* destrutivo onde havia certas verdades que nunca é de mais recordar», visava fazer a «apologia da sinceridade» e do individualismo.

João Gaspar Simões, em *José Régio e a História do Movimento da «Presença»*, lega-nos um interessante retrato do poeta, por meados da década de 20, salientando o porte moderno mas alinhado de um ser que então «entalava o pescoço em altos colarinhos de goma a condizer com as camisas, igualmente engomadas». A configuração plástica de Navarro é corroborada mais tarde por António Manuel Couto Viana, quando, em *Colegial de Letras e Lembranças* (1994, 60), refere: «Navarro tinha uma cabeça expressiva, de traços bem definidos e ousados, nobreza e inteligência belamente combinadas, tornando-o excelente modelo de escultores e desenhistas.» E, de facto, são conhecidas algumas obras plásticas em que Navarro é representado: um retrato do pintor João Hogan, datado de 1957 e integrando o livro *Poema do Mar*, do mes-

mo ano; um busto da autoria do escultor António Duarte (fotografado na capa posterior de *Águia Doida. Poemas d'África*); um desenho do escultor Martins Correa, insito em *Guitarras em Madeira d'Asa*; e um retrato do já mencionado escultor António Duarte, integrado em *O Acordar do Bronze*.

Em 1926, António de Navarro colabora, com os poemas «Cantar d'amigo» e «Duende», na revista *Contemporânea*, esse sonho encantado de José Pacheco feito «expressamente para gente civilizada». Anunciando-se por lá o tom estranhizante e atractivo, é de lembrar a significativa coincidência titular do segundo poema com o título de António Franco Alexandre.

Ultrapassada a irreverência do «tremendo escândalo no meio coimbrão», como o refere Edmundo de Bettencourt, a vinda a lume do primeiro número da *Presença* corrobora a ousadia do poeta. Independente das formadoras *Bysâncio* e *Triptico*, Navarro, ao invés de outros, pôde manter desde sempre uma assinalável autonomia e uma indomável sede de intervenção, não obstante estar a viver já em Lisboa.

E, de facto, o poema «O braço do arlequim» convoca novo escândalo, ficando a ecoar no cérebro dos

leitores aquele membro «de todos nós / com sangue de toda a gente». Datado da Casa do Paço das Donas com o ano de 1926, este poema navarriano, saído na primeira *Presença* de 10 de Março de 1927, exemplifica a inquietação «orpheica» que dominará toda a obra do poeta construída ao longo de mais de meio século, sem se perder nunca a avaliação-diagnóstica que Edmundo de Bettencourt dele faz, na entrevista a João Brito Câmara em *O Modernismo em Portugal*, inscrevendo-o nos poetas de personalidade «complexa e inquieta».

Para além do primeiro e escandaloso poema, com aquele final à Mário de Sá-Carneiro («E no arraial palhaço / lá vai o braço... / lá vai o tal braço / de todos nós / com sangue de toda a gente.»), todo o conjunto publicado na *Presença* é mais do que admirável. «Canção», «O vira (baixo-relevo)», «Cantar d'amigo», «Bacanal», «Charleston» e «Ode» saem em revistas de 1927, todos somando, com o primeiro, sete poemas; em 1928, vêm à tona viva das letras «Glauca», «Crânio», «Ópio», «Os medroneiros» e «Dancing ambiente», num total de cinco poemas; de 1929 são «Thamar», «Deus», «Bordel», «Acrobatas» e «Canção», perfazendo outros cinco

poemas; em 1930, publicam-se «Poema das aves» e «O segredo das linhas», para além de um interessantíssimo texto de opinião de título «A propósito do I Salão dos Independentes», assim se acrescentando mais dois poemas; em 1931, aparecem o «Poema da matéria sonâmbula» e o «Estudo para um ensaio: Ângelo de Lima», que inclui um poema, num total de dois; no ano seguinte, surgem mais dois poemas, intitulados «Incêndio» e «Epitáfio (para o túmulo do poeta)»; em 1935, vêm a lume «Balada com lua morta» e cinco composições em «Poemas», totalizando-se seis; e, em 1938, são publicados «Poema» e um outro «Poema», deste modo se chegando a um total de trinta e um poemas, quase totalmente inéditos em livro.

Revela ainda António de Navarro uma deontologia poética assinalável, vigilante que estava face à sua poesia, como o esclarece uma carta de José Régio, de Janeiro de 1929, sem data, dirigida a João Gaspar Simões e por este publicada na obra atrás referida, na qual o poeta de Vila do Conde alude à preocupação navarriana com a hipotética inferioridade dos textos, que, a verificar-se, seriam assinados sob pseudónimo, frisando eu aqui esta nota do

autor que permite a conclusão de que, para ele, só o verdadeiramente publicável era ortonímico e que em si pairava, à boa maneira modernista, o desígnio da desmultiplicação.

Entretanto, em 1930, António de Navarro colabora activamente no «I Salão dos Independentes», contribuindo com quatro originais poemas («Aroma», «Methempsicose», «Canção da amargura» e «O automóvel azul») para o *Cancioneiro* que integrará principalmente gente da *Presença*, revista na qual, aliás, o poeta reagirá com texto opinativo que abre o n.º 26. Nesta mesma manifestação artística colabora João Gaspar Simões, que, em conferência intitulada «Tendências e individualidades da moderna poesia portuguesa», diz haver na arte um «lugar *sui generis*» para Navarro, poeta próximo de *Orpheu* e muito «mais ‘paúlco’ que o próprio criador do *clima* poético [...] que Fernando Pessoa desencadeara». Mais diz ainda Gaspar Simões no sentido da individuação de Navarro, quando, na conferência lida no I Salão dos Independentes, produz o seguinte enunciado:

José Régio é um poeta dramático em quem uma vocação mística luta, corpo a corpo, com um orgu-

lho magalómano de homem diabolicamente convencido da sua força e da sua *razão*.

Num plano diferente, António de Navarro mostra uma personalidade a muitos títulos *nova* [itálico nosso] na poesia portuguesa, se bem que a sua obra seja, até este momento, muito restrita. A sua poesia desvenda simultaneamente um talento de insinuação poética graças à acumulação e à rebusca de palavras que sugerem emoções poéticas mais pelo ambiente ou pela música desferida do que pelo que exprimem, nela revolteia uma força em que o movimento, os ruídos, a luz, a vertigem, a obsessão se espalham na atmosfera e se introduzem na alegria para criar nesta um *rictus* demoníaco e trágico. Navarro estima os assuntos de *cabaret* (*Jazz, Bacanal*), os meios dúbios (*Bordel*) ou ainda abandona-se a cantar, em ritmos seus, que só por si valem toda a essência da poesia, os motivos mais delicados, imperceptíveis e fluidos. [*José Régio e a História do Movimento da «Presença».*]

Como se vê, não podem as palavras de Gaspar Simões ser negligenciadas no seu peso avaliativo, nem tão-pouco será despiciendo o emparceiramento, uma vez mais, com José Régio, como se um laço os unisse.

Em artigo publicado no *Diário de Lisboa*, de 11 de Junho de 1930, F. Alves de Azevedo, referindo-se ao I Salão dos Independentes e ao defluente *Cancioneiro* dos poetas portugueses modernos, diz ser António de Navarro um «poeta de emoções indefiníveis para as sensibilidades vulgares, torturado daquelas recepções que faziam gritar a Novalis: ‘Nós, os poetas, somos divinos.’» Frisando a complexidade de Navarro, não deixa de haver no asserto um certo louvor à originalidade poética do autor de *Ave de Silêncio*.

Aliás, uma de carta de José Régio a António de Navarro, escrita em Portalegre e datada de 24 de Fevereiro de 1931, não só esclarece a diferença da estética navarriana («os seus poemas são daqueles em que se revela um *segredo pessoal*: uma maneira própria de sentir, de *ver*, de pensar..., de viver»), como mostra que Navarro, à boa maneira presentista, não publicava por publicar e sobre esse acto tinha uma deferência ritual. («Na verdade,» — diz Régio — «você já tem obrigação, perante si próprio e perante alguns, de publicar o seu livro.»)

Em conferência pronunciada em Lisboa, depois incluída em *Novos Temas*, João Gaspar Simões,

corria o ano de 1937, defende, antes de haver quaisquer obras impressas do poeta: «António de Navarro, com uma grande obra imperdoavelmente inédita, terá de ser considerado, publicada ela, um dos mais originais poetas da literatura portuguesa.»

Com acção literária — poesia, crítica, entrevistas... — dispersa por outras publicações como o *Suplemento Literário do Diário de Lisboa*, *Momento* (Lisboa), *O Diabo* (Lisboa), *Cadernos de Poesia* (Lisboa), *Ultramar* (Lisboa), *Variante* (Lisboa), *Ocidente* (Lisboa), *Portucale* (Porto), *Panorama* (Lisboa), *Ver e Crer* (Lisboa), *Vértice* (Coimbra), *Sísifo* (Coimbra), *A Serpente* (Porto), *Horizonte* (Évora), *Ler* (Lisboa), *Europa* (Lisboa), *Quatro Ventos* (Braga) ou *Comércio do Porto*, António de Navarro publica o seu primeiro livro em 1941, prosseguindo depois, em ritmo incerto, pelas sendas da publicação até 1980, subsumindo sempre, julgo, a sua voz poética a forte incorporação de mistério e de infabilidade, como o atesta o passo admonitório vindo do último poema da primeira obra impressa, no qual, ouvindo e sentindo o silêncio, o sujeito lírico se entrega ao «mistério mais longo, mais

comprido, / de novas formas e mais cores / numa vida mais virgem...».

Olhando à actividade literária do poeta presencialista, que decorreu durante cinquenta e cinco anos, é espantoso que boa parte da poesia navarriana se encontre disseminada por revistas e publicações, em acervo inacessível ao leitor vulgar, esperando, urgentemente, por competente recollecção.

*

Em 1941, o semanário *Acção* (publicado em Lisboa de 24 de Abril a 19 de Maio de 1949 e dirigido por Manuel Múrias e depois por Marques Mano de Mesquita) nasce, segundo o editorial de abertura do primeiro director, para «servir Portugal, no plano superior do Espírito» e «no plano literário e da cultura». Para este jornal organizou Carlos Queiroz uma *Pequena Antologia de Poesia Moderna*, que, sob o n.º 2, fazia parte dos «Cadernos» da *Acção*. Vinda a lume, como já se disse, em 1941, a exígua colecção reúne textos de Vitorino Nemésio, António de Navarro (o único com dois poemas), Cabral do Nascimento, Merícia de Lemos, Rui Cinatti, José Blanc

de Portugal, Rui Santos, Tomaz Kim e Carlos Queiroz, num total de catorze páginas. Em palavras prefaciais, o poeta do *Desaparecido* alude ao facto de a leveza da antologia visar «germinar num chão anónimo e fecundo» e deixar «a poesia respirar». Talvez por isso os poemas de António de Navarro aí inseridos, «Madrigal n.º 1» e «Poema», sejam claro exemplo de desopressão poética. O segundo, que se cita integralmente, actualizando-se a grafia, é mesmo desvelador da oficina navarriana, ao funcionar como uma «arte poética»:

O poeta imagina o poema,
Mas, se ele ficou vivo,
O poema imagina também
E canta — e é uma vida!

E é ele que define o poeta
Nos silêncios que lá deixou
Entre as palavras
— E nas palavras que lá não estão.

E, assim, a obra do poeta é humana,
Ou um cemitério de imagens.
Num poema vivo há muito mais aventura
Do que na vida do poeta.

E agora,
Desculpem que eu pegue numa estrela
E, ingenuamente, lhe conte a história.

Informa o nosso poeta, num aviso colocado em extratexto no final da obra subsequente, ter perdido, em Abril de 1941, um volume de poesias com motivos marinhos, assim se salvaguardando a ilegalidade de uma eventual publicação do acervo desaparecido.

Em Agosto do mesmo ano, sai finalmente a primeira obra impressa individual de António de Navarro, com o título *Poemas d'África*, colectânea dedicada à memória de sua mulher, Maria Eugénia, prefaciada por João Gaspar Simões, como atrás se disse, a qual, se, por um lado, sugere uma ambiência africana colhida pelo poeta por via de uma curta estada por Lourenço Marques, o «Jardim Português às Portas do Oriente» (Navarro trabalha de 1939 a 1940 para a Junta de Exportação de Algodão, transferindo-se, doente, para o continente), por outro, plasma algumas das mais estranhas singularidades de um poeta dado como *puro*. Ressalta, portanto, nesta colectânea uma africanidade inusual e até fundacional (Luna de Oliveira e António de Cértima são

posteriores), porque, pensando melhor, não existem muitos livros assim, com os primeiros poemas «verdadeiramente africanos da poesia portuguesa», como o defende o prefaciador, vindos de uma voz reconhecida na literatura lusa. E, no entanto, essa diferença é provocada pela despersonalização que em si ocorre, indominada e sensual. Não é estranhável, por isso, um agradável e condutor fio pessoano que se desprende de alguns poemas ou passos, assinalando uma influência e uma marca genética. Lembre-se, por exemplo, o *incipit* da antologia e o rasto indisfarçável desse vezo conformador:

À sombra da palmeira,
velho colono morto,
a tua sombra desvenda ainda!...

Perto de uma intelectualização emotiva, o livro em apreço convoca um sujeito poético dominado, desde o primeiro poema, por uma natureza transbordante e pelos ecos protectores de um passado saudoso («a tua saudade, porque tu nunca esqueceste / a árvore da tua casa, o teu poço d'água e a tua horta»), subtilmente agitado na bonita imagem quase final do

«poço d'água da tua infância». Mas não se fica por aqui o interesse das primícias literárias de António de Navarro: lembro a faceta paraliterária, tão ao gosto dos poetas da *Presença*, que permite a intuição dos processos criativos e dos motivemas da oficina poética (v. g., «porque a tua tristeza e saudade foram sempre uma força fecunda!», poema 1), a dominante força do destino irónico («Círculo vicioso a própria vida! / E nós só temos que cumpri-la, tal qual o destino se cumpre totalmente», poema 6) e o definhamento da palavra («Vida e vida e vida! a eterna palavra, que não diz nada!», poema 8); recorro o estranhizante esvaziamento do homem em contraste com a natureza circundante («Só a terra tem orgasmos / nervosos, vibrações sensuais», poema 2), o drama da dilaceração saudosa que rói na parte mais íntima («— e lá longe, dentro de nós, no vértice do cone, / uma guitarra / que tange, que tange... plange...», poema 3) ou a aura misteriosa e musical («A nota solta e libertária da sinfonia do silêncio que se esparge / tocou não sei que ideia indefinida / e o mistério que procura qualquer vida», poema 4); destaco ainda a estética do presentimen-

to e do silêncio («não é a agitação que me fala, / mas o silêncio que me segreda / as coisas indizíveis e serenas...») ou «Silêncio, és todo da minha alma!!...», poema 9), a preocupação com o objecto criado («Trago o meu poeta disperso, / difuso, negando-se — porque a poesia e a vida / é a verdade em si mesma», poema 10), o eco sebástico («E não encontrei o Encoberto / ali? Mas deixei-o na minha sombra onde passei.», poema 21) ou a libertação dos sentidos («E se à poesia mórbida, embora subtil, / que te encheu a mocidade / não deres um ritmo descuidado e livre / que te liberte os sentidos», poema 17). Plasmando-se na colectânea motivemas e estilemas anteriores e posteriores, com amplas aberturas positivas para a exaltação à Ângelo de Lima ou para o carácter dionisiaco, é impossível não concordar com Eugénio Lisboa, que, não obstante as importantes recepções críticas, não hesita em desconfiar do convencionalismo e da linguagem sem ressonância. De facto, sem nunca se perder «o estado de poesia» de que fala Pedro de Moura e Sá, trata-se de um conjunto com fragilidades de que decorrem outros tantos fascínios, dos quais destaco

a força da luxúria do poema 20 («e os corpos que se contorcem em movimentos rítmicos, / ofídicos, olham-se, desejam-se, possuem-se / nos passos luxuriosos do bailado»), a lembrar a iniciação de Navarro nos palcos de Coimbra e a influência do «Manifesto Futurista da Luxúria», de Valentine de Saint-Point, publicado em *Portugal Futurista* (1917). O malgrado Moura e Sá, atrás citado, diz para o futuro que os *Poemas d'África* «contêm um grande poder de comoção poética», e Óscar Lopes, em 1973, refere mesmo que este é o seu «melhor conjunto de poesias publicadas». Asserto importante, por fim, é o de Amândio César, que, depois de caracterizar Navarro como «um grande poeta da *Presença*», defende que ele «marcará o aparecimento, na metrópole, da poesia de inspiração moçambicana».

Ave de Silêncio (1942) contém, segundo João Gaspar Simões, «algumas das mais belas e mais originais» poesias da nossa língua e, ao contrário do anterior, abandona a linha marcadamente vibratória, enveredando por uma via mais intelectual e menos transbordante, que aperfeiçoa um dos mais esti-

mulantes «teatros» do ensimesmamento da poesia portuguesa. E, no entanto, há uma linha prolon-
gatória neste fio de sentidos, não se esbatendo a
luz apelativa de um drama interior único e dilace-
rante, como o parece dizer o belíssimo e sugestivo
passo poemático que alude a uma sombra agonizante
do seu ser, «e que erra como silêncio e árvore / e
água e vento e nuvem...» (poema 1. XII). Segue o
teatro navarriano pelos caminhos do descentramen-
to («Onde estive eu antes de estar em mim?», poe-
ma 1. XIV), da voragem (veja-se como a palavra
«cone» acompanha a obra de Navarro), da sincere-
dade poética («e eu vivo pelos meus poemas den-
tro / sangrante e luarento!», poema 3. II), da limi-
tação do pensar à Alberto Caeiro («Pensar é a
limitação que se esconde / detrás duma fantasiada
estrela.», poema 3. X) ou do silêncio sacralizador
(«Anda aqui um poeta estranho / a escrever versos
com o vento / na lauda duma folha, e com / uma
folha nas páginas do vento... // Com o silêncio
todavia / escreve a sua melhor poesia / num infini-
to verso / que rodopia e canta.», poema 3. XIX).
De tudo privando e outras pistas abrindo, eis um
poema de qualidade indesmentível e de tom meta-

físico, que serve de amostra e coloca Navarro em lugar de eleição:

3. VII

Uma rosa caiu agora sobre o cadáver dum
[homem;
contagiu-lhe a sua vida efémera,
depois ambos murcharam.
Entanto fica o vento
dispersando as folhas secas.

Além, o reflexo duma estrela vagabunda
tombou sobre o cadáver dum homem.
Parece animá-lo da sua vida eterna
embora oculta — e ambos se desfazem.
Entanto fica o silêncio...

Assisto ao espectáculo
da minha transfiguração.

Além, uma fonte
cantando já desde o princípio do mundo.

Em carta dirigida a Navarro, Afonso Duarte, pouco depois da publicação da colectânea, dirá:

Raros poetas, meu caro Navarro, têm sido porta-
dores duma tão estranhada poesia como a que V. nos

dá em *Ave de Silêncio*. Essa riqueza poética é que lhe marca lugar à parte, permitindo-lhe sondar o abismo das coisas, e viver lá, indomesticado para toda a unidade rítmica de tradição.

E *Ave de Silêncio* é, sem dúvida, um livro excepcional, que nada fica a dever aos melhores momentos de António de Navarro na revista *Presença*. Volvidos anos, espanta ainda, num palco tantas vezes ingrato, o relativo apagamento de uma coletânea poética com diversos momentos altos e não raras fulgurações. Óscar Lopes entrevê na obra um conjunto de emblemas (aves, flores, vento, água, nuvem, ...) em oposição a um sujeito poético descrente, influenciado e dividido pelas lições pessoanas e pascoalinas, louvando-lhe Manuel Bandeira, alguns anos antes, a capacidade de levar a «caminhos que não há». Franco Nogueira, em texto depois inserto no *Jornal de Crítica Literária*, dá-nos, a propósito de *Ave de Silêncio*, a seguinte opinião:

Navarro é um poeta originalíssimo. Nenhum poeta hoje vivo tem como o autor de *Ave de Silêncio* capacidade de sentir pormenores mínimos e de ex-

trair deles, por alteração dos seus termos lógicos, conceitos poéticos ou verdades poéticas de validade genérica.

É indenegável ainda, nesta colectânea tão rica, a fusão do discurso com a imagem (*passim*), criando-se, nessa associação, uma deriva própria de Mário de Sá-Carneiro e de Ângelo de Lima, sem que, contudo, haja perda de identidade. João Gaspar Simões, em texto arguto datado de 11 de Março de 1943 e republicado no tomo 1 de *Crítica II*, deixa o diagnóstico *ad usum* dos vindouros:

É com estes dois poetas que Navarro se apresenta. Deles se diferencia, porém, por ser ao mesmo tempo mais lúcido e mais humano. Ângelo de Lima escrevia dentro dos paroxismos da loucura; Sá-Carneiro, no fundo ensimesmado do seu drama de incompleto. António de Navarro, quando atinge os seus mais perfeitos momentos, é de uma simplicidade e de um humanismo que aqueles não alcançaram. Embora dominado pelo mesmo drama de ensimesmamento, corroído embora pela mesma indeterminação da personalidade e o mesmo narcisismo inconsciente, é favorecido por um *realismo* que aqueles dois poetas «fim-de-século» não conhece-

ram. António de Navarro pertence a uma época em que o poder do concreto, a solicitação dos elementos humanos, o *contrôle* do colectivo são coisas poderosas.

Antologiado por Cecília Meireles, através de dois poemas presencistas, na colectânea *Poetas Novos de Portugal* (Edições Dois Mundos, Rio de Janeiro, Março de 1944), pôde enfim Navarro mostrar-se ao público brasileiro. Manuel Bandeira, influenciado certamente pela mostragem da poetisa brasileira, em carta proveniente do Rio de Janeiro e datada de 31 de Maio de 1944, dirigindo-se a António de Navarro, louva-lhe a musicalidade dos ritmos, a frescura das imagens e a simplicidade singela da matéria difícil. Entretanto, na «Veneza» de Lisboa, Navarro convive em tertúlia, entre outros, com Arlindo Vicente, João de Barros, Ferreira de Castro, Assis Esperança, Julião Quintinha e Manuel de Pavia.

Em 1947, António de Navarro faz publicar *Ode à Manhã*, separata contendo um trabalho poético saído na revista *Portucale*. Trata-se, sem dúvida, de um grande poema, cadenciado anaforicamente por repetições sugestivamente líricas, no sentido de Jean Cohen, apresentando o *incipit* uma força irreprimí-

vel («Nas grandes manhãs em que as mulheres penteiam os cabelos / com gestos longínquos e de bailado...») e todo o poema abre sugestões riquíssimas surrealizantes («É vêm as grandes noites, / e eu percorro-as... / Esbarro em todas as sombras que deixei por aí, / esbarro no meu assombro e sigo.»), atingindo-se o clímax emotivo na apoteose final, que retoma os traços atrás disseminados:

Nas grandes manhãs
em que as mulheres penteiam os cabelos
com gestos longínquos e de bailado,
enlanguescidamente...

Nas grandes manhãs...
Nas grandes manhãs
que nos acordam para a eternidade
que se desfaz e recompõe
no hino transitório e sem fim do nosso sangue...

Nas grandes manhãs
que amamentam os filhos de mama
nos seios fecundos das mães que penteiam
[a esperança
na face do espelho dúplice e bicôncavo
[do mundo!...

Nas grandes manhãs,
nas grandes manhãs!!!...

António de Almeida Santos, em curiosíssimo livro memorial intitulado *Coimbra em África*, fornece interessantes informações sobre António de Navarro, decorrentes da viagem do Orfeão Académico da Universidade de Coimbra ao continente africano, nas férias grandes de 1949. Passado o cabo da Boa Esperança, refere o memorialista que houve uma festa alusiva à dobragem, que culminou com uma conferência sobre poesia africana da responsabilidade do jovem moçambicano Vítor Matos. Para este evento cultural trouxe o autor os nomes de Rui de Noronha, António de Navarro e Aires de Almeida Santos. Referindo-se ao facto de Navarro ter vivido temporariamente em Moçambique, aí colhendo «a experiência que lhe enegreceu a poesia e lhe deu o sabor amargo dos cânticos escravos», cita à frente o cronista a ideia de Vítor Matos segundo a qual o poeta presencista é um introvertido «a quem preocupam sobretudo os problemas do mundo interior», integrando-o, por último, nos «poetas de África» e não propriamente nos poetas africanos ou quase africanos.

Em 1951, Eugénio de Andrade, celebrando a imagética navarriana, que é muitas vezes a sua, dedicou-lhe o poema «Para um pássaro» (*Sísifo*, n.ºs 2-3, p. 25), retribuindo Navarro, desta feita no fascículo 3 da revista *A Serpente*, com um «Poema», que é um interessantíssimo intertexto do poema eugeniano «As palavras interditas», do livro homónimo de 1951.

Adolfo Casais Monteiro, uma das vozes críticas mais agudas da *Presença*, na louvável e difícil cruzada em favor da cultura de um país que o banuiu, não esqueceu, em Novembro de 1952, de convocar o nome de António de Navarro para a mostra de poesia portuguesa contemporânea inserta na revista belga *Le Journal des Poètes*, publicação com sede em Bruxelas que inseriu, então, um importante leque de versões francesas de composições de poetas nacionais.

Em 1953, José-Augusto França publica 21 respostas a um inquérito literário lançado a 79 pessoas no volume *Capricórnio* («Meio século xx de literatura portuguesa»), dele ressaltando os 3 votos obtidos por António de Navarro, ainda assim atestadores de uma visibilidade reconhecida. Tal presença comprova-se ainda, no ano seguinte, quando a Livraria Portugália

publica o *Jornal de Crítica Literária (1943-1953)*, de Franco Nogueira, e logo no índice aparece, no capítulo VIII, o nome de António de Navarro como um dos «seis poetas maiores». A obra de Franco Nogueira, na época, ombreava com muito poucas, até porque, do género, pouco mais haveria do que títulos de Gaspar Simões e Casais Monteiro, ficando boa parte da crítica literária «sepultada» no esquecimento dos jornais e revistas. Vindas de um notório bom leitor, as apreciações por lá produzidas atestam cabalmente a injustiça da quase marginalização de Navarro, que, no dizer de Nogueira, era «um dos mais originais poetas modernos».

Datada de 22 de Maio de 1955, destaque-se uma carta de José Régio a Eugénio Lisboa, na qual o *clerc* do presencismo solicita, entre duas, a seguinte alteração ao manuscrito de *José Régio — Nota Biobibliográfica, Exame Crítico e Bibliografia*, que viria a ser publicado pela Livraria Tavares Martins, em 1957:

Cita Você alguns nomes de poetas da *Presença*; e deixa outros anonimamente envoltos num *etc.*, entre quais António de Navarro. Ora eu creio que o nome de António de Navarro deveria ser transcrito,

por ter sido, e ainda ser, dos poetas mais originais — e que até causaram mais estranheza e exerceram mais influência — dos poetas da *Presença*.

Consultando-se agora, à distância de quase cinquenta anos, o ensaio fundacional dos estudos regionais (e aqui fica a merecidíssima homenagem ao *maître à livre* que é Eugénio Lisboa), logo vemos que admoção de Régio foi de imediato aceite, encabeçando Navarro a linha que finaliza com o referido *etc.*

Prefaciado por Jorge de Sena, vem a lume, no mencionado ano de 1957, o interessante *Poema do Mar*; livro que, dividido em três partes («Mar em carne viva», «O alar das redes» e «Um barco demanda o porto»), contém assinaláveis conseguimentos poéticos, nomeadamente os que se prendem com a meditação sobre a condição humana. Convocando pela presença do mar os arcanos da própria poesia, a colectânea recria a ambiência marinha da Nazaré, lembrando, por esse motivo, a incisão de Branquinho da Fonseca com *Mar Santo* (1952). Com pontos frágeis — e João Gaspar Simões parece ter exagerado as debilidades —, mais ressuma do

texto uma inegável força vibratória e emotiva, atingindo Navarro, a meu ver, o melhor conseguido artístico no que à obra em livro diz respeito. Canto do mistério e de um mar personificado que entra «pelas veias dentro», há na dicção navarriana uma forma nova (e possivelmente influenciada pelo drama pessoano e por Álvaro de Campos), como vemos, por exemplo, na primeira quadra do poema VI da parte inicial:

Filho sombrio dum mar qualquer
Só por ele é que vou navegando...
Quilhas dos barcos que sou, naufragados,
As angústias dos náufragos é que vou
[cantando.

Somando-se na voz lírica do *Poema do Mar* todas as agonias e convulsões do mar português, nos abismos da história presos ao drama do corpo, é ainda de sangue que o poeta fala. A par, há um conjunto de poemas maiores, tais como a nazarena «Uma cantiga salina» (XI), «Tarde cinzenta...», com o seu «sangue verde violento» (XVIII), o visceral «Pelas marés do próprio sangue» (XXI), o dionisíaco «Isto

há-de acabar numa mitológica bebedeira» (XXIV), o metafórico «Gosto de o ver e olhar, suspendendo as notas» (XXVIII), os metaliterários «Ao lume da alma» (XXXII), «Ficar na obra» (XXXII) e «O que vale é a poesia ser maior que eu» (XXXIV), o autobiográfico «Nunca me perdi no mar» (XLI), o assintótico silêncio de «O silêncio» (XLVI), a corporeidade de «Pede, amada minha» (LIV) ou o fulgurante «O tempo vai fazendo estátuas invisíveis dentro do homem» (LX). Salientem-se ainda, na primeira das partes de *Poema do Mar*, a visceralidade inusual (pelo menos até Luís Miguel Nava), o eco fonsequiano naquele «Ah, mar santo, sem lindes, pelas nuvens além» (LXI), o regresso do «cone da fuga» operativo, a dúvida iluminante («Creio na minha dúvida», LXV) e a obsessão de si dentro do «mar vivo».

Prossegue o poeta nas partes remanescentes, talvez menos luminosas, com a decantação das suas perplexidades e com a desvelação da influência maior que é Pessoa e o correlato Mestre Alberto Caeiro, como se vê, por exemplo, nos poemas XXIX («O poeta finge») de «O alar das redes», XXI («O gadanhoso canta») de «Um barco demanda o porto» ou XXII

(«Sou um pastor que, ao som d'avena / Reúne o gado tresmalhado que não tem») de «Um barco demanda o porto». Para além das vozes mencionadas, brotam da poesia navarriana menções culturais objectivas: Sibelius, Hamlet, José Gomes Ferreira e Antero são aqui mero exemplo. Sob o signo das «fomes poéticas de expressão» e da fixação em beleza das sensações e «sentimentos perdidos e vadios», este livro de António de Navarro não pode deixar de ser um dos mais importantes livros da sua década, pese embora o estranho deslembramento ou a opção da crítica por livros anteriores. Suficientes provas seriam os muitos poemas maiores de que o que extracto é apenas amostra:

Sei
Que não sei,
E o resto é dúvida
A abrir numa certeza.

Sou
Onde me sinto estranho
A buscar o desconhecido,
E tentando iluminá-lo.

Penso que é o olvido
E a pensar é que sou
Tudo onde me não sei.
E perco.

(I, XXXVII.)

Não esquecendo nunca a ligação aos tempos de Coimbra, António de Navarro participa na comemoração da «Tomada da Bastilha», realizada pelos antigos estudantes residentes no Fundão, nos dias 25 e 26 de Novembro de 1960, como o informa circunstanciadamente a revista *Rua Larga*, de 31 de Janeiro de 1961.

Em 1961, publica-se *Águia Doída. Poemas d'África*, obra tripartida pelas intitulações «Velada diurna da noite», «Velada nocturna do dia» e «Poema final». Dedicado à memória de sua mãe e a todos «cujo sangue traz a magia do Quinto Império que Fernando Pessoa achou nas veias da lusitanidade», encontra Navarro na «Nota de autor» espaço para a assunção do ideário monarquista que persegue, escrevendo o autor deste paratexto sob a influência de epígrafe ciceroniana («O praeclaram emendatricem vitae poeticam»). Livro resultante, mais uma vez, da presença do poeta por terras africanas, não deixa o escritor, ainda em palavras introdutórias, de explicar

a sua posição devedora face a esse continente que é África, pese embora ser apenas um «pequeno colono que por ela passou como um relâmpago». Subsumindo a acção literária ao estatuto identitário do «homem livre e português», António de Navarro retoma muito do passado — lembre-se, por exemplo, a vascularização poemática («no afluyente humano e vascular») e as obsidências lexicais («mar», «fio», «imbele», «verde», «azul», «mistério», «sangue», «longe», «carne», «ruínas», «poesia», «música», «linde», «asa», «enigma», etc.) — e empreende cada vez mais uma jornada solitária em que ecoa mais nitidamente, poema após poema, o sopro de Pessoa e da *Mensagem*. Dentre os poemas mais conseguidos desta colectânea saudosa dos instantes africanos, e eles seriam vários, aprecie-se o exemplar subsequente:

No túmulo do colono
morto — a voz do tempo.

Nesta campa onde repousa
o teu corpo, a lide, mede-se
e o sonho. É a votiva rosa
é o sol que a alma lhe excede,
tropical, a própria sombra agora.

Ide! Ele fica olhando. Chora
por ele a chuva... Cantai
vós e a alma elevai.

Ele fica guardando a noite,
que a luz já toda a bebeu;
e o claro dia em vós se afoite
como ele no que a si próprio deu.

Sobre *Águia Doida* e o anterior *Poemas d'África* recai o apodo de Amândio César de «dois livros notáveis» escritos em Moçambique, mais acrescentando o crítico e também poeta que Navarro fora «elemento preponderante do movimento renovador metropolitano *Presença*».

Quando Raul Leal morre, em 1964, é António de Navarro quem toma a palavra «à beira da campa do velho companheiro», ele que, para além dos laços com o falecido autor de *Sodoma Divinizada*, tinha como principais amigos Álvaro Ribeiro, Pinharanda Gomes, Azinhal Abelho e Francisco Brito.

No início da década de 70, em 1971, António de Navarro vê *Coração Instone* ser publicado pela Agência-Geral do Ultramar, inserindo-se a obra na conhecida «Colecção Unidade». Tipificando Gaspar

Simões a obra adentro de um caso «sem audiência e sem realização perante essa mesma audiência», o título em apreço trata-se de um volume que reúne títulos anteriores e apresenta como novidade «Vigília distante», com que se segue. De profunda musicalidade, ressalta dela o vezo africanista que demoradamente o poeta parece ter vivido, assim convocando um passado que lhe «ficou enfermo» e uns «sons de bronze» vindos do fundo do tempo. Evocando memórias sagradas — e as de José Régio e de João de Barros não serão as menos importantes —, é ainda uma poesia vascular que se afirma na abertura das veias à «lendária senda». Saliente-se, na influência sacral, a força «pessoana» do poema 8, que se transcreve:

Dar às coisas o seu destino
com uma força oculta.

E nascimento e sonho
se conjuguem em complexo
na mágica simples
da raiz que se fira e deixe
ser-se flor e limbo.

Do que se fala é da bruma
que rompe pelas veias dentro
o pensamento cujo timbre
só foi antes pressentimento.

Dar às coisas a sua metafísica
E elas nasçam e morram connosco.

Cartografando a memória e os seus lugares, o devaneio poético navarriano é, na faceta delirante da decantação secreta, uma inscrição na idiossincrasia portuguesa. Profundamente crente na necessidade integracionista («tonalidade branca e negra de Portugal») e nas virtudes do sonhado e real Quinto Império, profundo e sebástico, o canto de António de Navarro cruza o mistério e instaura a perplexidade («É logo que o sangue se devora / que nascem os deuses», poema 33), avançando para dentro da polifonia da literatura e dos engastes surpreendentes. O dístico supramencionado lembra, pela estranha vidência, outros e não menos fulgurantes enigmas literários, tais como o seniano «Sinais de fogo, os homens se despedem, / exaustos e tranquilos, destas cinzas frias. / E o vento que essas cinzas nos dispersa / não é de nós, mas é quem reacende / outros

sinais ardendo na distância, / um breve instante, gestos e palavras, / ansiosas brasas que se apagam logo.» (*Sinais de Fogo*) ou o vergiliano «Do sangue nascem os deuses / que as religiões assassina. / Ao sangue os deuses regressam / e só aí são eternos.» (*Aparição*). *Vigília Distante*, enfim, se de novo traz motivos recorrentes ou ressonâncias de anteriores e futuros trabalhos, arrasta consigo, reforçando, o tom sensacionista de uma poesia atenta e escutadora, abrindo-se caminho em direcção à revelação, como se colhe facilmente da última estrofe da colectânea: «E se possa escutar o silêncio essencial que nos pega no sangue e o obriga a ser / uma voz de revelação atirada em estilhas / contra a sua própria sombra de bronze a arder.» E há ainda, no caminho muito reservado de Navarro, lugar para jóias do lirismo português, como acontece com o «presencista» poema 46, que se transcreve:

O raio de sol que se parte
naquela vidraça...

Tem a arte
de dar sangue ao sol
pelo vidro que se estilhaça.

Dá-se de quanto imole
da própria sombra
pela jaca
do que lhe é brilhante.

O vidro ao sol
daquela janela
distante...

Sem contestar totalmente a ideia de Gaspar Simões, segundo a qual Navarro não é dotado para a construção de poemas didácticos, alegóricos e patrióticos, acho que a colectânea não é apenas isso.

Então, nesse mesmo ano de 1971, Adolfo Casais Monteiro, em «Prefácio» escrito em Araraquara (São Paulo, Brasil) para o livro de ensaios *A Poesia Portuguesa Contemporânea*, que a Livraria Sá da Costa virá a publicar apenas em 1977, lamenta não poder completar o conjunto com a inclusão de artigos ou notas sobre os importantes António de Navarro, Sophia de Mello Breyner e António Ramos Rosa, o que não deixar de ser sublinhado, vindo a opinião de uma das vozes teóricas mais importantes da *Presença*.

Ao reflectir sobre a poesia portuguesa actual, em 1973, E. M. de Melo e Castro, quando estabelece o

espaço sincrónico 100 (1970/1870) para as paulistas Edições Quíron, no importante ensaio *O Próprio Poético*, inscreve no esquema diacrónico o nome de António de Navarro, integrando-o no espaço 1927/1940 da «*Presença* (esteticismo psicológico)» depois dos nomes de José Régio, Miguel Torga e Casais Monteiro, e antes de Edmundo de Bettencourt. Tratando-se de um trabalho de síntese, que o subtítulo «Ensaio de revisão da poesia portuguesa actual» parece reforçar, não deixa de ser importante esta convalidação do nome de Navarro, tanto mais que estávamos na últimos anos de vida do poeta e essa nomeação selectiva iluminava um percurso que, esbatendo-se, teimava em não se afirmar como desde longe a sua acção literária parecia exigir.

Em 1974, com posfácio de Pinharanda Gomes intitulado «Protologia do sebastianismo ou 'Por Babilónia me achei'», publica-se, com chancela da Editora Pax, de Braga, o livro *Guitarras em Madeira d'Asa*, que contém, depois do «Limiar» autoral e de outros paratextos, as partes «Sortilégio iluminado» (com 36 poemas) e «Caminho inciso» (com 38 poemas). Evocando logo no primeiro poema a memória de José Régio — influência permanente e

tutelar (João Maia diz que Navarro «andou reconhecidamente na Amizade» dele) —, há uma transmissão que continuamente se vai fazendo: a azulescência da poesia (a tonalidade é a de sempre) e a sanguinidade da palavra cada vez mais irrompem, em matização neogótica e sebastianizante («O brido do seu cavalo negro cismava?!... / Cismava a lenda e a grey? / Era El-Rei, / El-Rei Dom Sebastião»), para dentro de um mundo simbólico, pleno de catedrais templárias, bestiário do além («Em colos d'íbis e d'ibiscos») e alfaias do Quinto Império:

O meu cavalo de fogo ardeu-me na cavalgada,
Sigo no seu galope com um horizonte esmagado
[entre as garras
Que detiveram e sopearam rédeas de cavalos
[invisíveis.
Ah! guitarras de surdos frios sons tangendo
[em surdinas!...

Quem disse que o sonambulismo era uma fuga
[de potros indomáveis
No meu rosto colando-se às linhas do próprio
[sudário?
(Ou às que foram d'El-Rei, transmutáveis?)

(I, V)

Canto monarquista («E a espada d'El-Rei se entranhe no meu sangue / E a sua névoa o conheça e cante!») e matricialmente histórico, o dizer poético de António de Navarro não perde nunca a identidade formatada desde longe, desde as décadas de 20 e de 30 do século xx, como o parece provar, por exemplo, aquele passo estrófico do poema VII da parte primeira: «E que sentisse em si / O prestidigitador que adivinha / O salto acrobático d'um silêncio ritual, / Cláunico / A cair para dentro de si.» Às vezes acontecem mesmo momentos poéticos sentenciosos, à maneira de Ricardo Reis, aprofundando o escritor o seu mundo interior e exterior, ressumando das linhas poemáticas uma clareza nem sempre assim, dificilmente assim. Um caso destes é o bellissimo poema XXV, que transcrevo:

Tira do teu espírito
O dia
E terás a tua sombra.
Tira-te do fim
E terás a eternidade.
Tira-te de ti mesmo
E terás a tua morte.

Na onda longa e curva
Vai a turva limpidez
Da linha clara que íntimo és.
E darás o que de pensamento decantado
Encantas por signo e fado.
(Poeticam o praeclara emendatricem vitae)

A segunda parte da colectânea poética, reafirmando a força transmissora da acção despendida, como o diz a homenagem de abertura («o calor que, mingando nos seus restos, assim prolongo e reacendo»), mais mergulha no «cone d'azul, força a mais d'azul» donde irrompem os «bronzes das catedrais d'El-Rei» e os raios luminosos da luz mágica da poesia. Aliás, a reflexão sobre a arte poética, constância na geração presencista, regressa pontual e recorrentemente ao território navarriano como lugar inefável e absoluto: «Perdi e conquistei apenas o sonho vão. / Poeta, sim, n'esse verso que se entranha / No coração do poema que me foi / E continuará a sua e minha amplidão.» (18.) Assinalando o poder regenerador e refundador da palavra poética, o poeta vem da morte como a fénix das cinzas e traz consigo a harmonia gerada no calor do ínti-

mo: «E, embora morta, a poesia / A nós se amolda e em nós se aquece / E revive para uma nova harmonia.» Da corrente sanguínea e do mito português da sacração histórica («Portugal é o mito dum lampejo à espada / que se fez terra em realidade sacral») decorrem, na fragorosa batalha dos sons e da vida das cordas da guitarra (tempo histórico e simbólico dentro e fora do poeta), as principais imagens de uma memória íntima e nacional, assente na força do profetismo criador e a além, diante de misteriosa profundidade, como o afirma superiormente a incisão parentética do poema final:

(Há uma espada puríssima,
Feita da obscura claridade da alma
E os clarões se sintam espírito e carne
Em homenagem ao nosso Rei de névoa.)

«Poema histórico, sapiencial e profético, hierático, com quanto de épico o possa percorrer», como o diz Pinharanda Gomes, *Guitarras em Madeira d'Asa* é um importante macrotexto da melhor linhagem sobre a protologia do sebastianismo, que emparceira, por exemplo, com o poema épico camoniano, as tro-

vas de Bandarra e autores como D. João de Castro, Padre António Vieira, Sampaio Bruno, Raul Leal e Fernando Pessoa, entre outros, convidando o leitor a importantes revelações.

Recentrando e aprofundando até a linha ideológica que Navarro veio a abraçar, nomeadamente nas duas últimas décadas de vida, resulta importante a colaboração que o autor dispensou à homenagem de centenário que a revista *Resistência* quis prestar a António Correia de Oliveira, por lá colaborando com um poema de Julho de 1979, dedicado à memória de um outro «cavaleiro» do ideário lusíada. Por essa altura, já velho e doente, ferido no íntimo sentir e desgostado pela circunstância, encontrava ainda o lume da vida no convívio benfazejo com a redacção do jornal *A Rua*, publicação que traria a lume alguns dos últimos trabalhos do autor, bem como importantes incisões críticas do sempre sábio amigo e poeta António Manuel Couto Viana. A acção literária de Navarro inscreve uma linha ideológico-cultural importante e afirmativa de uma vontade, até porque, muito perto do fim terreno, permite a perfeita sutura entre o tempo da subscrição do ideário integralista,

ainda no início da década de 20 do século passado, e a época derradeira.

Não obstante o desalento do poeta, a *Resistência. Revista de História, Cultura e Crítica*, de Novembro e Dezembro de 1979, no *dossier* «José Régio morreu há dez anos», faz publicar um importante texto de António de Navarro, de título «Uma entrevista com José Régio ou o pré-presen-cismo», onde se reproduz, em anexo, um importante manuscrito regiano («O Movimento Literário de Coimbra. À Volta duma Conferência»), contendo uma entrevista ao autor de *Ave de Silêncio*, a propósito do movimento «Sol», da década de 20, arrancada por Régio do alto do 4.º andar em que Navarro vivia. Este desvendamento permitido por Navarro, em fase sofrida da sua vida, muito esclarece sobre as movimentações que precederam a *Presença*, ajudando assim à dilucidação de uma época conturbada e frenética, através do fornecimento de informações inéditas que muito interessam aos estudiosos literários que mais desejem saber sobre a «Senhora Pas-maceira de Coimbra» (Régio *dixit*).

Informações colhidas no interessantíssimo livro de estudos e memórias de António Manuel Couto Viana,

intitulado *Colegial de Letras e Lembranças*, permitem conhecer o trajecto final de António de Navarro e o papel importante que o primeiro desempenhou na organização e revisão da colectânea navarriana, que, aliás, conhecera algumas dificuldades de publicação. Mais diz o autor de *Pátria Exausta* da agrura dos últimos meses de vida do nosso poeta, só iluminados pela emoção da nova publicação que aí vinha, falando da evolução fatal da doença de sua mulher, a senhora Engenheira D. Maria Amélia, das dificuldades e da imobilização súbita no pequeno jardim de Campo de Ourique, das entradas e saídas do lar de idosos para o hospital até ao tempo do fim. O texto memorial é ainda precioso porque nos fornece o retrato físico de António de Navarro, no último ano de vida («magríssimo, Navarro tinha uma cabeça expressiva, de traços bem definidos e ousados, nobreza e inteligência belamente combinadas»), e, mais importante do que tudo, transcreve três poemas, talvez os últimos, que Navarro escreveu naquela «sua letra enigmática». Dessas composições, intituladas «Alma», «Poeminha» e «Canto pequenino», todas de beleza e espontaneidade arrebatada.

doras, lembrando a fase mais presencista do poeta, escolho a primeira, que copio:

A sede
de ter sede
da fonte
já é
horizonte
e chama
oculta
em nossa
frente.

Anunciado na colecção «Camoens» das Edições «A Rua», com o título *Acordar de Bronze*, sob o n.º 4, como se vê na capa posterior de *Reunião de Ruínas*, de Rodrigo Emílio, eis que, em Janeiro de 1980, sai a lume *O Acordar do Bronze*, o último livro em vida de António de Navarro, uma vez mais com a chancela da Editora Pax, de Braga, e prefaciado por João Maia, depois de multiforme dedicatória do intelectual jesuíta. Chegado às livrarias já depois do falecimento do autor, abre a intuição com um «Limiar» poético, de título «Infante D. Henrique», apresentando-se a obra dividida em

três partes: a primeira, «Sagres cumpriu o sonho», com 25 poemas; a segunda, «Onírico, o mar realizou-o...», com 33 composições poemáticas; e a terceira, «O enigma, religião do oculto», com 21 textos. Encerra a colectânea um «Poema final».

Olhando agora ao todo, caracterizável na expressão incisiva de António Manuel Couto Viana de «torrente tumultuosa e transbordante e densa de símbolos e imagens de rosto épico», de imediato se concorda também com a opinião de João Maia que diz António de Navarro «o poeta do Mar», o que é, aliás, uma constância estruturante: falar de Navarro é e será sempre privar com as angústias, segredos e abismos marítimos. Talvez sempre mais próximo de *Orpheu* do que da *Presença*, é ainda essa linha que se escreve na derradeira obra do autor, onde se tipifica, uma vez mais, um estado de pureza estranhizante, que permite ao padre jesuíta citado defender que «a sua poesia vem encastoadada em pederneira divagueante com veios de alguma prosa, mas sempre autêntica e capaz de arcar com raciocínios, com ditos de chorume histórico, com explicações ao leitor, para logo se embuçar no nevoeiro nativo, à maneira de Sibila em sua trípode, destecer os orá-

culos aos peregrinos de Delfos...». Presa a poesia de Navarro a tal identidade, é certo que agora a tonalidade é mais desiludida e violácea, havendo sempre um patriotismo pronto a gravar e a levantar do bronze a alma dos heróis. E, no entanto, subjaz a esta última laceração navarriana um espectro cinéreo até então nunca alcançado («A cinza também fala!... / Bendita seja ela!», adivinhando-se, nessa obsessão, a breve chegada da morte colada a uma continuada «angústia e dor / — Atlântica!...»).

Acentua-se ainda a presença de Camões, o «Poeta que em oitavas imortais se doou à História», não escapando a este amor sacral de «claridade vidente» vinda do sangue outros nomes que transportam a luz esperançosa de um «tempo de voltar a ser». Contra o roubo do sangue e do leme há, pois, a força nocturna da vontade («E uma águia azul? / Nau d'águia e noite!... / Noite que traz a transcendência / Do dia, para sagração / Do milagre / Que nos espera ainda / Novamente em Sagres.»), tão bem cantada no navarriano poema 26 da parte II:

Temos de cantar ainda
O Império sexto.
Erguendo uma espada decidida e múltipla

E uma pluma de fogo e de bronze,
E galvânica inscrição, rimando fundo o tempo
[que ora vivemos,
Inscreva como que templária a legenda
[duma Nação
Que desvendou continentes e os fez
Da sua carne. Quem tiver limpidez
Entranhada incendeie-se com ela
E terá entre os dedos o coração,
Desenho emotivo dum convés
E a ressurreição múltipla da vela
Que rasgou o mar com sangue português.

Não conseguindo sempre escrever os poemas vividos e ciente de que a «cinza também fala», António de Navarro, nesta colectânea *O Acordar do Bronze*, pontuada por composições poderosas («A fiandeira», «Poema do mar», etc.), traz para o tempo da morte a iluminação, para além do mencionado Camões e Pessoa, de Mestre Anes Bandarra («Trova de Bandarra»), Afonso Lopes Vieira («Pinhall sacrossanto») e Ângelo de Lima («Poema final»). Este último, aliás, assume neste fechamento especial importância, não só porque percorre na influência e na consanguinidade poética toda a obra

de Navarro, como também porque é evocado no derradeiro poema como aquele que «sentiu profundo e longe».

António de Navarro faleceu, em Lisboa, no dia 20 de Maio de 1980.

*

Nem sempre antologiado e ostensivamente afastado do cânone literário nas últimas décadas, António de Navarro não foi deslembrado por muitas e importantes vozes do século XX e até século XXI. Lembre-se, a propósito, a persistente chamada de José Régio, que o integrou, em *António Botto e o Amor*; nos contribuintes para a «libertação do ritmo» na poesia portuguesa, bem como a convocação de Enzo Vólture e Gino Saviotti (1942), Cecília Meireles (1944), Régio e Serpa (1945), Alberto de Serpa (1957), Natália Correia e Rodrigo Emilio (1973), Vasco Graça Moura (2005), Eunice Muñoz (2006) ou Jorge Pinheiro (2006). Prefaciado e posfaciado por João Gaspar Simões, Jorge de Sena, João Maia e Pinharanda Gomes, António de Navarro, não obstante as tardias reticências do primeiro relativamente

à visibilidade do poeta (em 1980, no ano da morte do escritor presencista, Simões diz que «o seu desaparecimento literário e até humano já se dera há muito»), é um escritor estruturado, com um trajecto de acção muitas vezes admirável. Não se podendo negar um esbatimento gradual do lastro poético navarriano, é mais do que justo dizer-se que Navarro sempre foi tido como o grande poeta potencial. Essa justiça, aliás, é-lhe feita pelo mesmo Gaspar Simões, que, em recensão ao *Acordar do Bronze* publicada no *Diário de Notícias*, de 19 de Junho de 1980, diz que com «a morte de António de Navarro desaparece o poeta que no movimento lírico presencista detinha os fios de um revolucionarismo poético tanto ou mais revolucionário que os fios que entreteciam a trama poética dos poetas revolucionários ‘órficos’». Não é certamente despiciendo lembrar as palavras de Herberto Helder expendidas no prefácio aos *Poemas*, de Edmundo de Bettencourt, que integram Navarro numa linhagem de poetas que são «a quase única reconfortante liberdade da poesia portuguesa, antes do aparecimento de Mário Cesariny e António Maria Lisboa».

Talvez a força proveniente de uma doxa nem sempre certa tenha a sua razão sobre o impacto de António de Navarro na história da literatura portuguesa, nomeadamente após o glosado apodo da «pureza» que Gaspar Simões lhe apensou, não sendo de descartar uma certa incapacidade do poeta em publicar em livro a sua parte melhor, tanto mais que, ao tempo da *Presença*, os textos de Navarro, de qualidade inquestionável, eram seleccionados por Régio, Simões ou mesmo Carlos Queiroz.

Inscrito talvez numa circunstância de invisibilidade nos tempos que correm, há em António de Navarro uma evidência poética, feitas de versos e breves amostras de «génio lírico sem par» (Gaspar Simões), que recolhe nomes, para trás e para a frente, como os de Gomes Leal, Ângelo de Lima, Fernando Pessoa, Álvaro de Campos, Ricardo Reis, Alberto Caeiro ou António Pedro, um importante nome que à sombra de Navarro germinou.

*

Poesia feita de poucas e importantes moradas, eis um *designatum* aceitável para a caracterização ge-

ral da obra de António de Navarro, que é, genericamente, subsumível, em cinco fases persistentes e permeáveis a um mesmo tempo, servindo o trajectamento para efeitos de simplificação. Assim, temos:

- a) A fase futurista ou pré-presencista, de 1925 a 1930, convalidada pelos ecos da acção cultural do poeta e pela admonição de Mário Coutinho, na primeira data, segundo a qual António de Navarro era um dos líderes do «movimento futurista» — e, de facto, há em Navarro uma «arte-acção» que faz de Navarro um futurista episódico (o pseudónimo Príncipe de Judá, a assinatura de manifestos epigonais do futurismo, a conferência sensacional «Sol» ou a colaboração inédita no *Cancioneiro* de 1930 parecem permitir a integração de Navarro na *performance* estilística do movimento estético, de que o poeta colhe o influxo, manifestando, em face já de claro exaurimento, níveis de um futurismo essencialmente

mental, como o português o foi, dele se destacando o caso muito especial de Almada Negreiros);

- b) A fase **presencista**, de 1927 a 1938, alicerçada no conjunto de textos publicados na revista *Presença* (31 poemas e 2 «ensaios»), cuja tematização era dirigida pelo filtro constituído por José Régio e Carlos Queiroz, a quem o poeta delegava a missão do escrutínio e da selecção dos seus textos, daí resultando indubitavelmente um dos melhores momentos poéticos do autor, como o têm reconhecido importantes críticos literários;
- c) A fase **africanista**, de 1941, ano da publicação de *Poemas d'África*, até 1961, quando se publica *Águia Doída. Poemas d'África*, caracterizável pela atenção aos ritmos e sinais da natureza, quase sempre africana, certamente em razão da breve permanência de António de Navarro por terras moçambicanas, disso ficando, na sua obra, uma influência evidente e um indenegável espaço electivo;

- d) A fase **sacral**, de clara influência sebástica e de linha «profético-sapiencial» (Pinharanda Gomes), animada pela ideia do Quinto Império e da Pátria, mais nítida depois da publicação da antologia *Metal Translúcido*, em 1967, continuando-se até finais da década de 70, com a publicação do adiado *O Acordear do Bronze*, cuja publicação ocorreu já em 1980;
- e) E a fase **despojada**, que António Manuel Couto Viana resgatou do esquecimento, publicando os derradeiros poemas «Alma», «Poeminha» e «Canto pequenino», adentro de uma lógica de simplicidade e de franciscanismo poético, em *Colegial de Letras e Lembranças* (1994), assim sugerindo um novo momento que aos precedentes se acrescentava.

Ainda assim, diga-se, a divisão proposta em nada choca com o diagnóstico e também prognóstico que Pedro de Moura e Sá deixou no primeiro número da revista *Atlântico*, dizendo que o que caracterizava a poesia de António de Navarro era, antes de tudo,

«uma dominadora tendência de *identificação*, uma espécie de procura romântica de prolongamentos da própria alma». E, de facto, se as linhas atrás propostas permitem operacionalizar uma poesia pouco conhecida e estimulante, é certo também que muitos dos aspectos temáticos e ideológicos navarrianos percorrem todo o corpo lírico produzido pelo escritor, contribuindo para a formatação de uma obra com *evolução em sutura*.

Em Brasília, no dia 31 de Outubro de 2002, realizou-se, entre as 19 e as 21 horas, um serão poético em homenagem ao centenário do nascimento de António de Navarro. O evento ocorreu no Café Camões do Instituto homónimo e prova que o nome do poeta permanece vivo além fronteiras.

Recentemente, em 24 e 25 de Novembro de 2005, a Associação Labor de Estudos Portugueses (ALAEF), ligada ao Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, realizou, sob a direcção do Professor Doutor António Manuel Ferreira, um encontro alusivo ao centenário de Branquinho da Fonseca, denominado «*Presença e Outros Percursos*», aí tendo colaborado o autor deste texto de divulgação com a comunicação «António

de Navarro e o fio dos sentidos», tendo sido publicado um livro de actas relativo ao evento, com a mesma denominação, publicado pela mencionada Universidade, em Dezembro de 2005.

Em Outubro de 2006, iniciou o *Público* a segunda série da colecção «Os Poemas da Minha Vida». O n.º 13, da responsabilidade de Eunice Muñoz, incorpora, nos seus textos de paixão, a composição lírica de António de Navarro «História do poema». No n.º 16 da mesma colecção, de Novembro do mesmo ano, Jorge Pinheiro não esquece o poeta, antologando-lhe «O braço de arlequim», retirado da memória sob o influxo do «cheiro» e do «tacto», parecendo assim cavar-se um tempo novo, desocultador, em que o leitor, encontrando a explicitude do nome, encontrará ainda o sortilégio de uma poesia que encerra um nome e uma acção cultural que não podem nem devem ser esquecidos.

Eis um bom motivo para que a visibilidade do poeta venha a ser outra, ou não fosse Navarro um homem da *Presença* e nela implicado (lembro, a propósito, uma carta de Régio a Gaspar Simões, de 29 de Janeiro de 1929 e enviada do Porto, em que, na ressaca de um imbróglio gerado pela entrada de

um texto excessivo de Raul Leal, o autor de *Bio-grafia* pede: «E Deus queira que o Navarro lhe não fale.»), entendendo eu que as antologias, nomeadamente as mais recentes que não esquecem o poeta, agirão sobre o cânone literário escondendo e mostrando. Como escondidos pelo tempo estarão, certamente, outros textos que, no silêncio do seu ineditismo, poderão complementar o retrato literário e cultural de um homem invulgar que foi disseminando outros projectos e intenções nas tábuas bibliográficas das suas obras («Oxalá que António de Navarro se anime a publicar o muito que ainda mantém inédito», clamava há mais de cinquenta anos Franco Nogueira, e o mesmo dizia Gaspar Simões depois da morte do poeta, temendo apenas pela desapareição do melhor Navarro às mãos de legatários mais «políticos» e menos «poéticos!»). Onde parará, pois, esse acervo anunciado e, certamente, existente e trabalhado, esperando apenas a revelação? Digo, com Gadamer, quase concluindo, dever ser revelado «o que sempre tem lugar».

Antes de acabar, diga-se ainda que António de Navarro transporta não só o código presencialista, como, a par, exemplifica uma tipologia de modernis-

mo, pela riqueza de imagens e pela força do verbo, como mais ou menos o disse já um Gaspar Simões ou, em matiz semelhante, David Mourão-Ferreira, quando alude ao «sortilégio da Palavra». Sortilégio, aliás, bem presente na estrofe final do poema I da parte 3, de *Ave de Silêncio*, com que cesso a mostração navarriana:

Virtual, por entre as relvas,
o rio corria em segredo...
— o fio de água do meu sangue
onde corre o meu enredo,
virtual e sibilino
pelas relvas do meu segredo
onde sangra o meu destino.

Mesmo que esquecidos, só os grandes destinos
sangram.

BIBLIOGRAFIA ESSENCIAL

1. Bibliografia activa de António de Navarro

- «Cantar d'amigo», in *Contemporânea*, 2.^a série, n.º 2, Lisboa, 1926.
- «Duende», in *Contemporânea*, 2.^a série, n.º 2, Lisboa, 1926.
- «O braço de arlequim», in *Presença*, Coimbra, n.º 1, de 10 de Março de 1927.
- «Canção», in *Presença*, Coimbra, n.º 2, de 28 de Março de 1927.
- «O vira (baixo-relevo)» (1927), in *Presença*, Coimbra, n.º 3, de 8 de Abril de 1927.
- «Cantar d'amigo», in *Presença*, Coimbra, n.º 4, de 8 de Maio de 1927.
- «Bacanal», in *Presença*, Coimbra, n.º 5, de 4 de Junho de 1927.
- «Charleston», in *Presença*, Coimbra, n.º 6, de 18 de Julho de 1927.
- «Ode», in *Presença*, Coimbra, n.º 8, de 15 de Dezembro de 1927.

- «Glauca» e «Crânio», in *Presença*, Coimbra, n.º 10, de 15 de Março de 1928.
- «Ópio», in *Presença*, Coimbra, n.º 13, de 13 de Junho de 1928.
- «Os medronheiros» e «Dancing ambiente», in *Presença*, Coimbra, n.ºs 14-15 de 23 de Julho de 1928.
- «Thamar», «Deus» e «Bordel», in *Presença*, Coimbra, n.º 20, de Abril-Maio de 1929.
- «Acrobatas», in *Presença*, Coimbra, n.º 21, de Julho-Agosto de 1929.
- «Canção», in *Presença*, Coimbra, n.º 23, de Dezembro de 1929.
- «Varina», in *Contemporânea*, Lisboa, n.º 14, 2.ª série [1929].
- «Aroma», «Methempsicose», «Canção da amargura» e «O automóvel azul», in *Cancioneiro*, I Salão dos Independentes, Imprensa Libânio da Silva, Lisboa, 1930.
- «A propósito do I Salão dos Independentes», in *Presença*, Coimbra, n.º 26, de Abril-Maio de 1930.
- «Poema das aves», in *Presença*, Coimbra, n.º 27, de Junho-Julho de 1930.
- «O segredo das linhas», in *Presença*, Coimbra, n.º 28, de Agosto-Outubro de 1930.
- «Poema da matéria sonâmbula», in *Presença*, Coimbra, n.º 30, de Janeiro-Fevereiro de 1931.
- «Estudo para um ensaio: Ângelo de Lima», in *Presença*, Coimbra, n.ºs 31-32, de Março-Junho de 1931.
- «Incêndio», in *Presença*, Coimbra, n.º 35, de Março-Maio de 1932.
- «Epitáfio (para o túmulo do poeta)», in *Presença*, Coimbra, n.º 36, de Novembro de 1932.
- «Balada com lua morta», in *Presença*, Coimbra, n.º 46, de Outubro de 1935.

- «Poemas», in *Presença*, Coimbra, n.º 47, de Dezembro de 1935.
- «Poema», in *Presença*, Coimbra, n.º 52, de Julho de 1938.
- «Poema», in *Presença*, Coimbra, n.ºs 53-54, de Novembro de 1938.
- «Poema», in *O Diabo*, Lisboa, n.º 226, de 21 de Janeiro de 1939.
- «A noite-viva», in *O Diabo*, Lisboa, n.º 231, de 25 de Fevereiro de 1939.
- «Poema da rua», in *O Diabo*, Lisboa, n.º 236, de 1 de Abril de 1939.
- «Poema», in *O Diabo*, Lisboa, n.º 279, de 27 de Janeiro de 1940.
- «O campo», in *O Diabo*, Lisboa, n.º 283, de 24 de Fevereiro de 1940.
- «Poema», in *Cadernos de Poesia*, 1.ª série, Lisboa, n.º 2, 1940.
- «Intervalo», in *Cadernos de Poesia*, 1.ª série, Lisboa, n.º 2, 1940.
- Poemas d'África*, Portugália, Lisboa, 1941. Com um prefácio de João Gaspar Simões. Capa de Roberto Araújo. Livro impresso em Agosto de 1941. Tiragem de 250 exemplares.
- «Jardim português às portas do Oriente — Lourenço Marques», in *Panorama. Revista Portuguesa de Arte e Turismo*, Lisboa, n.ºs 5 e 6, 1941.
- Ave de Silêncio. Poemas*, Portugália, Lisboa, 1942. Livro impresso em Dezembro de 1942, sob a direcção gráfica de Luís Amaro. Capa de Roberto de Araújo.
- «O último poema de África», in *Variante*, Lisboa, n.º 1, Primavera de 1942.
- «Panorama», in *Portucale*, 1.ª série, Porto, n.ºs 92-93, 1943.
- «Três poemas para crianças», in *Ver e Crer*, Lisboa, n.º 8, 1945.
- «Ode à manhã», in *Portucale*, 2.ª série, Porto, n.º 7, 1947.
- «Esta noite», in *Portucale*, 2.ª série, Porto, n.ºs 10-11, 1947.

- «Poema de amor», in *Portucale*, 2.^a série, Porto, n.ºs 10-11, 1947.
- «Angústia», in *Portucale*, 2.^a série, Porto, n.ºs 10-11, 1947.
- «Poema», in *Portucale*, 2.^a série, Porto, n.º 12, 1947.
- Ode à Manhã*, 1947. Separata da revista *Portucale*.
- «Romance da lua do poeta», in *Vértice*, vol. iv, n.º 50, Setembro de 1947.
- «O funeral», in *Vértice*, vol. iv, n.º 50, Setembro de 1947.
- «Eternidade viva», in *Vértice*, vol. iv, n.º 50, Setembro de 1947.
- «Ode a Gomes Leal», in Armindo Rodrigues e João José Cochofel, *Homenagem Poética a Gomes Leal no Primeiro Centenário do Seu Nascimento*, Coimbra, 1948.
- «Ode», in *Portucale*, 2.^a série, Porto, n.ºs 19-20, 1949.
- «Estrofe», in *Portucale*, 2.^a série, Porto, n.ºs 25-27, 1950.
- «Elegia à música», in *Sísifo. Fascículos de Poesia e de Crítica*, Coimbra, n.ºs 2-3, de 1951.
- «Poema» e «Outro poema do mar», in *A Serpente. Fascículos de Poesia*, Porto, fasc. 3, de Março de 1951.
- «Encontro com o poeta António de Navarro», in *Ler*, Lisboa, n.º 17, de Agosto de 1953.
- «Ninguém melhor que Pascoaes...», in *Cadernos de Poesia*, 3.^a série, Lisboa, n.º 14, 1953.
- Poema do Mar*, Portugal, Lisboa, 1957. Com um retrato do autor por João Hogan e uma carta-prefácio de Jorge de Sena. Livro impresso em Novembro de 1957. Tiragem de 700 exemplares.
- «Uma gaivota», in *Comércio do Porto*, de 14 de Junho de 1960.
- Águia Doida. Poemas d'África*, Edições Panorama, Lisboa, 1961. Com uma nota do autor. Inclui uma fotografia na capa de um busto do autor pelo escultor António Duarte.

- Metal Translúcido (Antologia)*, s. l. (Impressão na Gráfica Santa Clara — Vila do Conde), Signo, 1967.
- Coração Insone*, «Unidade» — 11, Agência-Geral do Ultramar, Lisboa, 1971. Com um prefácio de Franco Nogueira.
- Guitarras em Madeira d'Asa*, Editora Pax, Braga, 1974. Com um posfácio de Pinharanda Gomes. Livro impresso em Novembro de 1974. Com um desenho do autor pelo escultor Martins Corrêa.
- «Uma entrevista com José Régio ou o pré-presencismo», in *Resistência. Revista de História, Cultura e Crítica*, Lisboa, ano xi, n.ºs 197-198, Novembro-Dezembro de 1979.
- «Testemunho» (1980), in Orlando Taipa, *A Dez Anos da Morte de José Régio: Testemunhos*, Editorial Resistência, Lisboa.
- O Acordar do Bronze*, Editora Pax, Braga, 1980. Com um prefácio de João Maia e um retrato do poeta pelo escultor António Duarte. Livro impresso em Janeiro de 1980. Tiragem de 500 exemplares.
- «Soares de Passos», in *Perspectivas da Literatura Portuguesa do Século XIX*.
- «Varina», in *Contemporânea*, n.º 10 (e anexo 14.º), Contexto, Lisboa, 1992.

2. Bibliografia anunciada e não publicada

Flor de Cinza (poesia). Anunciado em *Ave de Silêncio. Poemas* (impressão de 1942 e saída ao público em 1953), *Águia Doida (Poemas d'África)* (1961), *Metal Translúcido* (1967), *Coração Insone* (1971), *Guitarras em Madeira d'Asa* (1974) e *O Acordar do Bronze* (1980).

- A Carne dos Caminhos* (contos). Anunciado em *Ave de Silêncio. Poemas* (1942).
- O Prédio* (novela). Anunciado em *Ave de Silêncio. Poemas* (1942).
- Almário*. Anunciado em *Coração Insone* (1971), *Guitarras em Madeira d'Asa* (1974) e *O Acordar do Bronze* (1980).
- O Livro d'Ermo (Poemas d'Amor)*. Anunciado em *Coração Insone* (1971), *Guitarras em Madeira d'Asa* (1974) e *O Acordar do Bronze* (1980).
- Tempo Decantado (Confidências da Poesia e do Poeta)*. Anunciado em *Poema do Mar* (1957), *Águia Doída. Poemas d'África* (1961), *Metal Translúcido* (1967), *Coração Insone* (1971), *Guitarras em Madeira d'Asa* (1974) e *O Acordar do Bronze* (1980).
- Caminho Inciso (Histórias e Contos)*. Anunciado em *Coração Insone* (1971) e *Guitarras em Madeira d'Asa* (1974).
- Asas para Metal e Poema (Mágica de Teatro)*. Anunciado em *Coração Insone* (1971), *Guitarras em Madeira d'Asa* (1974) e *O Acordar do Bronze* (1980).
- D. Sebastião, Criador Mágico da Sua Lenda (Ensaio)*. Anunciado em *Coração Insone* (1971), *Guitarras em Madeira d'Asa* (1974) e *O Acordar do Bronze* (1980).
- Polyedro*. Anunciado em *Presença*, n.º 5, 4 de Junho de 1927.
- Perímetro*. Anunciado em *Presença*, n.º 47, Dezembro de 1935.
- O Voo da Ave de Silêncio*. Anunciado em *Poema do Mar* (1957), *Águia Doída (Poemas d'África)* (1961), *Metal Translúcido* (1967), *Coração Insone* (1971), *Guitarras em Madeira d'Asa* (1974) e *O Acordar do Bronze* (1980).

Sortilégio Iluminado. Anunciado em *Poema do Mar* (1957), *Águia Doida (Poemas d'África)* (1961), *Metal Translúcido* (1967) e *Coração Insone* (1971).

3. Bibliografia passiva sobre António de Navarro

CÉSAR, Amândio, *Novos Parágrafos de Literatura Ultramarina*, Sociedade de Expansão Cultural, Lisboa, 1971.

GOMES, Pinharanda, «Posfácio: Protologia do sebastianismo ou 'Por Babilónia me achei'», in *Guitarras em Madeira d'Asa*, Editora Pax, Braga, 1974.

GUIMARÃES, Fernando, «Geração da *Presença* — Espaço geral de afinidades e diferenciações; teorização e crítica presencista: polémicas externas e internas» e «Poesia: António de Sousa, António de Navarro, Edmundo de Bettencourt e Branquinho da Fonseca», in Óscar Lopes e Maria de Fátima Marinho (dir.), *História da Literatura Portuguesa — 7: As Correntes Contemporâneas*, Publicações Alfa, Lisboa, 2002.

LISBOA, Eugénio, «NAVARRO (António)», in *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa*, vol. 3, Verbo, Lisboa, 1999.

MACHADO, Álvaro Manuel (org. e dir.), «Navarro de Andrade, António de Albuquerque Labbat Sotto-Mayor Pereira», in *Dicionário de Literatura Portuguesa*, Editorial Presença, Lisboa, 1996.

MAIA, João, «Prefácio», in *O Acordar do Bronze*, Editora Pax, Braga, 1980.

- MORGADO, Fernando, «*Poema do Mar* de António de Navarro — Portugália, 1957», in *Vértice. Revista de Cultura e Arte*, vol. XVIII, n.º 176, Maio de 1958.
- NOGUEIRA, Franco, *Jornal de Crítica Literária (1943-1953)*, Livraria Portugália, Lisboa, 1954.
- SIMÕES, João Gaspar, *José Régio e a História do Movimento da «Presença»*, in *Obras Completas*, Brasília Editora, Porto, 1977.
- , *Crítica II (Poetas Contemporâneos: 1938-1961)*, tomo I, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1999.
- , *Crítica II (Poetas Contemporâneos: 1960-1980)*, tomo II, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1999.
- SOUSA, Martim de Gouveia e, «António de Navarro: desarqueologia e cânone literário», in *Ave-Azul*, Viseu, n.ºs 7-9, 2005, pp. 93-116.
- , «António de Navarro e o fio dos sentidos», in António Manuel Ferreira (coord.), *Centenário de Branquinho da Fonseca: «Presença» e Outros Percursos*, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2005, pp. 113-146.
- VIANA, António Manuel Couto, *Colegial de Letras e Lembranças*, Universitária Editora, L.^{da}, Lisboa, 1994.

Colecção Essencial

Últimas obras publicadas:

70. O TEATRO LUSO-BRASILEIRO
Duarte Ivo Cruz
71. A LITERATURA DE CORDEL PORTUGUESA
Carlos Nogueira
72. SÍLVIO LIMA
Carlos Leone
73. WENCESLAU DE MORAES
Ana Paula Laborinho
74. AMADEO DE SOUZA-CARDOSO
José-Augusto França
75. ADOLFO CASAIS MONTEIRO
Carlos Leone
76. JAIME SALAZAR SAMPAIO
Duarte Ivo Cruz
77. ESTRANGEIRADOS NO SÉCULO XX
Carlos Leone
78. FILOSOFIA POLÍTICA MEDIEVAL
Paulo Ferreira da Cunha
79. RAFAEL BORDALO PINHEIRO
José-Augusto França
80. D. JOÃO DA CÂMARA
Luiz Francisco Rebelo
81. FRANCISCO DE HOLANDA
Maria de Lourdes Sirgado Ganho
82. FILOSOFIA POLÍTICA MODERNA
Paulo Ferreira da Cunha

83. AGOSTINHO DA SILVA
Romana Valente Pinho
84. FILOSOFIA POLÍTICA DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA
Paulo Ferreira da Cunha
85. O ROMANCE HISTÓRICO
Rogério Miguel Puga
86. FILOSOFIA POLÍTICA LIBERAL E SOCIAL
Paulo Ferreira da Cunha
87. FILOSOFIA POLÍTICA ROMÂNTICA
Paulo Ferreira da Cunha
88. FERNANDO GIL
Paulo Tunhas
89. ANTÓNIO DE NAVARRO
Martim de Gouveia e Sousa

Composto e impresso
na
Imprensa Nacional-Casa da Moeda
com uma tiragem de 800 exemplares.
Orientação gráfica do Departamento Editorial da INCM.

Acabou de imprimir-se
em Maio de dois mil e sete.

ED. 1014146
ISBN 978-972-27-1548-5

DEP. LEGAL N.º 255 258/07

ISBN 978-972-27-1548-5



9 789722 715485

© **N** IMPRENSA
NACIONAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITE A COMERCIALIZAÇÃO

89